

Norte do Paraná na década de 70: O Devir imposto pela Ciência.

FRANK KEIRO MURAOKA*

O presente artigo de História Ambiental é fruto das primeiras reflexões acerca de um objetivo mais amplo: compreender o posicionamento histórico e social do Centro Nacional de Pesquisa de Soja. Recortando temporalmente o objeto, da década de 70, da chamada região “Norte do Paraná¹”, com o seguinte argumento: a fundação de tal ferramenta do governo é fundamental para entender as transformações ambientais ocorridas nesse território, assim, investigar a implantação desse órgão de pesquisa e desenvolvimento tecnológico é uma parte estratégica para compreender o devir, isto é, o processo histórico local e nacional advindo da produção da soja e das forças sociais movidas pela mesma.

Especificamente para esse trabalho, os esforços serão concentrados em pormenores, para o início, serão separados dois objetos, tal recorte é necessário por causa da amplitude e complexidade do objetivo maior sendo que os resultados mais profundos ainda estão em processo de acabamento, portanto são os seguintes a serem apresentados; a) Uma breve construção teórica metodológica para compreender a “natureza” b) A análise de dois documentos fazendo uma correlação: o primeiro é o livro de memória de Irineu Cabral e o segundo é o documento que direcionaria a atuação da Instituição. Fazendo assim o início do caminho necessário para o objetivo escolhido, lembrando que a pesquisa está se iniciando, portanto as considerações e interpretações serão cuidadosamente trabalhadas.

As fontes principais para tecer o trabalho compreendem: Livros de diversos autores capazes de trazer diferentes tipos de subsídios teóricos metodológicos, tanto de

* Mestrando em História Social pela UEL, orientador Jozimar Paes de Almeida.

¹ Nome da região compreende três grandes áreas: o Norte Velho, Norte Novo e Norte Novíssimo. Tal denominação compreende três etapas do processo de reocupação de suas terras: a primeira é uma colonização existente anteriormente a intervenção da Companhia de Terras Norte do Paraná, a segunda é o novo justamente pela sua ação, e na medida em que as terras foram sendo beneficiadas, loteadas e vendidas, chega-se mais ao oeste do Estado com o nome de Novíssimo, uma clara relação de influencia dessa companhia na transformação desse espaço, o presente objeto de estudo está situado no norte Novo, mais especificamente na região de Londrina, no entanto, estende a sua influencia para todo o território nacional.

história ambiental, teoria da história e filosofia, entre eles até mesmo o livro de memória do primeiro presidente da instituição, e documentos oficiais consultados na própria biblioteca da Embrapa soja, que nos demonstram parte do processo de instalação e a construção ideológica da Empresa².

O objeto de pesquisa é parte do segundo ciclo de grande modificação no território do Norte do Paraná; anteriormente, o primeiro ciclo corresponde ao extensivo movimento de reocupação³ de suas terras, intensificado no início do século XX, que consiste basicamente na retirada da mata virgem para o cultivo do café, a generalização é apenas a força da linguagem, pois tal processo, não foi em nada homogêneo, pacífico e simples, muito menos caberia em um parágrafo.

O próprio modelo de colonização implantado pela companhia de capital Inglês, determina parte da relação que esse ser humano imigrante teria com o meio ambiente. Ou melhor, durante a década de 50 a região em foco foi a principal produtora de café do mundo, chegando a ter a parcela de 51% da produção brasileira. Nesse sentido que a relação homem-natureza pode ser entendida em sua universalidade, pois à medida que o café fosse sendo plantado nas terras, os habitantes encarregados de cultivá-la obrigatoriamente fizeram parte de um processo para a produção da mesma, ou seja, o café era determinante na relação homem/sociedade/natureza.

A derriça, o abano do café, são exemplos das práticas feitas no território cercado de rubiáceas. Disso devém também uma estrutura social marcante, as chamadas colônias, um tipo de organização humana, no qual as famílias, encabeçadas pelo pai-patrão, morariam e trabalhariam na fazenda cafeeira. Mais uma vez, a intenção não é a generalização, mas sim a força da síntese.

Desse conjunto de famílias nasciam suas próprias práticas culturais, significados para cada nome de cada fazenda. Por exemplo, em um estudo efetuado para conclusão

² Algumas vezes esse nome será utilizado da mesma maneira como faz o ex-presidente, demonstrando a fundação de uma empresa privada, na sua dinâmica, mas não em subsídios.

³ O termo “(re)ocupação”, desenvolvido por Tomazi, propõe que a chamada ocupação paranaense não foi ocorrida em territórios de mata virgem, como se queria fazer acreditar, mas haviam moradores, como os indígenas, caboclos e posseiros, desmistificando a idéia de terra despovoada e também denunciando a descontinuidade da memória local.

do curso de história⁴, foi demonstrada a forte interação humana entre eles e o meio na construção de várias práticas sociais, a Fazenda Santa Terezinha como exemplo particular e universal possuía entre seus costumes; campeonatos de futebol, fenômenos religiosos, relações de poder, de afetividade, e todo processo de produção do café.

Esse traço em comum da organização humana se reproduzia em todo o território Norte paranaense de maneira mais parecida, em certos aspectos e diferente em outros, podendo assim variar, mas em todos os lugares que se produziu o café essas atividades faziam parte do cotidiano das pessoas. Assim até as décadas de 70 e 80 o Norte do Paraná foi marcado majoritariamente pela cultura cafeeira. Podemos ter a magnitude desse cultivo quando em 1975 uma grande geada acaba com toda a produção do ano comprometendo assim seu futuro, e como uma ironia, foi no mesmo ano que se fundou, por parte de uma minoria poderosa, no Município de Londrina, o Centro Nacional de Pesquisa de Soja.

É nesse ponto que existe a ligação para o maior problema desse trabalho, esta circunstância que ainda necessita-se de mais estudo, de início: tal geada foi responsabilizada popularmente e jornalisticamente pelo fim da cultura do café⁵, bem como, outros elementos ajudaram nesse veredicto como: os baixos preços internacionais, o grande volume do produto estocado nos barracões do IBC (Instituto Brasileiro do Café), a falta de incentivo governamental aliado ao plano de diversificação da agricultura, a mecanização, a urbanização.

Mas investigando essa Instituição, indícios levam a crer que a ciência e a tecnologia, neste caso corpos do capitalismo, atuaram materialmente na transformação do meio paranaense. O centro Nacional de Pesquisa de soja, hoje chamado de EMBRAPA, possuiu uma parcela necessária para compreender essa virada de culturas, colocando o desenvolvimento capitalista regional em outro nível dentro do território local e nacional, e também influenciando indiretamente na enorme modificação social, pós a implantação de seus resultados.

⁴ No qual analiso o território da própria instituição em estudo, mas, anteriormente à sua instalação, a mesma era uma fazenda de café, denominada de Santa Terezinha, disso que resulta a compreensão do café como centro do círculo de relações entre as pessoas/sociedade/natureza.

⁵ Ver periódicos: Folha de Londrina e Jornal Panorama no dia de 18 de julho de 1975.

Nesse sentido o centro dessa pesquisa ocorre no seguinte sistema: anteriormente a década de 70, pode-se dizer, simbolicamente: “o café operava boa parte das relações sociais entre humanos/natureza/sociedade”, a partir do recorte escolhido troca-se um elemento e a proposição muda completamente: “a soja operava boa parte das relações sociais entre humano/natureza/sociedade”.

Antes de entrar nos dois recortes desse trabalho, algumas questões norteadoras devem estar delimitadas: Linguisticamente é simples trocar o café para soja, mas materialmente, como se deu essa mudança dentro dos limites do objeto escolhido? Como podemos caracterizar essa nova cultura e como ela impacta no social regional? Mas afinal, como operou o CNPSO nessa modificação, e como ela se fundamentou?

Consideramos estas questões importantes, complicadas e complexas, afinal se não fosse o desenvolvimento de plantas adaptadas, correção do solo, conhecimento do ambiente regional por parte dessa instituição, não seria possível o plantio da soja nesse território. E que seja dito pela primeira vez: a soja no seu formato matricial não produz em regiões entre trópicos devido ao seu foto periodismo, portanto, se não fosse a atuação do CNPSO atualmente o Brasil não teria a soja como um dos seus principais commodities.

Mas essas questões serão expostas na continuidade do texto, primeiramente o conceito de natureza deve ser esclarecido:

Natureza:

Se tratando de uma edificação de História Ambiental algumas considerações sobre esse “termo, nome, símbolo” devem ser trabalhadas, como a base de qualquer construção ou os materiais necessários para juntar as partes. Para isso o primeiro autor; Jozimar Paes de Almeida:

“Neste contexto o nosso pressuposto teórico concebe o ser humano como sujeito e produto de sua própria ação e reprodução. Desta forma, na natureza o homem é um componente que através de um processo dialético gerado pelo trabalho, dá a forma tanto a matéria natural exterior ao corpo, como também se transforma corporalmente e mentalmente, isto é, elabora sentidos, constrói valores neste processo dinâmico reflexivo.” (2007: 17)

Nesse sentido, têm que ser tem em mente que a natureza é abordada como recurso para a vida humana, como condições naturais, e que são preexistentes ao

homem, mas que não excluem o mesmo. O trabalho atuaria, portanto, transformando essa matéria ambiental, esse objeto universal de acordo com sua construção cultural.

A unidade primitiva, selvagem, do desejo e da produção é a terra. Porque a terra não é apenas o objeto múltiplo e dividido do trabalho, mas também a entidade única indivisível, o corpo pleno que se assenta sobre as forças produtivas e delas se apropria como seu pressuposto natural ou divino. O solo poder ser o elemento produtivo e o resultado da apropriação, mas a Terra é a grande estase inengendrada, o elemento superior a produção que condiciona a apropriação e a utilização comuns do solo. Ela é a superfície sobre a qual se inscreve todo o processo da produção, sobre a qual são registrados os objetos, os meios e as forças de trabalho, sobre a qual se distribuem os agentes e os produtos. Ela aparece aqui como quase causa da produção e objeto do desejo (é nela que se cinge o liame do desejo com sua própria repressão). Portanto, a máquina territorial é a primeira forma de socius, a máquina de inscrição primitiva, “megamáquina” que cobre um campo social. [...] (DELEUZE, 2010: 187)

Sendo assim o meio ambiente é a base para todos os modos de produção, identificando, dessa maneira, dois tipos de natureza, a interna e a externa ao homem, a primeira seria a sua própria naturalidade, enquanto a segunda o “corpo externo” ao ser, “[...] É no jogo entre estas duas dimensões que se desenvolve o próprio ser humano, numa relação que tem o trabalho como elemento mediador (MORAES, 2008: 73)”.

Portanto, o homem potencializa a sua natureza quando atua transformando o meio ambiente, controla dessa maneira a sua mente e músculos para tal finalidade. Essa atividade é exclusiva do ser humano, alterando os elementos que estão presentes em seu habitat, atribuindo sentido e, assim, dando valor e utilidade para a sociedade, ou seja, o trabalho dá a forma política, social, econômica ao meio ambiente, fundamenta dessa maneira a relação homem/natureza, tal concepção pode ser considerada advinda do materialismo dialético.

O principal dessa postura metodológica não é compreender a natureza e o homem de maneira separada, mas como em uma unidade, como forças capazes de atuarem ativa e passivamente. Nesse sentido a “natureza”, toma o status de processo, ação, devir: afinal se não podemos excluir seus agentes, mas incluir, o que se pode compreender, sendo assim, é o jogo entre eles:

[...]. E particularmente a pôr em dúvida a ideia segundo a qual o homem é senhor e dono da natureza, como se conquistasse, de fora, o universo das coisas. Chega-se até a sustentar a hipótese contrária, isto é, de que o homem intervém no universo mas a partir de dentro, como uma de suas partes. [...] (MOSCOVICI, 1974: 8)

Assim, quando o termo natureza for utilizado, está se remetendo diretamente a um processo, às transformações, não no substantivo, mas sim em um conceito abstrato e dinâmico condizendo com a relação homem/natureza, no qual o início nem o fim são conhecidos, ou não importam, pelo simples fato de ser impossível, neste caso, de se conhecê-los. Ou melhor, o símbolo “natureza” é o sentido dado ao movimento histórico e como tal sempre estará presente nas considerações, o olhar, as interpretações, as etapas, tudo será analisado por intermédio desse conceito norteador, mítico e operador. Afinal a “natureza” tratada nesse artigo revela uma “coisa” advinda já da relação homem/natureza, o Norte do Paraná assim também pode ser considerado de tal maneira, também como natureza, por mais transformada que pareça, ainda sim é “natureza”.

Um pouco de história.

Essa inversão de culturas move uma ampla rede social no Norte do Paraná e transforma praticamente toda a paisagem local, muda-se a noção temporal, modifica-se a representação da natureza, e altera-se a dinâmica da vida de uma grande parcela da população.

A soja é uma cultura completamente diferente do café, podemos já traçar essa diferença nas bases de sua adaptação à ecologia brasileira, a soja foi introduzida em grande escala no território nacional pela capacidade científica alcançada pela sua principal instituição de pesquisa agrônômica.

O CNPSO é fundado como ferramenta do governo para a implantação de um novo modelo agrícola a partir dos anos de 1972, política baseada nas pesquisas científicas de adaptação e criação de cultivares aliadas à produção do conhecimento sobre os temas tangentes que alcançassem os objetivos traçados pelo governo do período, ou seja, o desenvolvimento e o “milagre econômico”.

Assim o campo nacional estaria entrando em uma nova dinâmica de comércio, baseada em produtos, commodities, que determinariam o sucesso da agroindústria brasileira e também o desenvolvimento econômico.

O governo nacional da década de 1970 é marcado por dois militares no poder, iniciado com Garrastazu Médici entre as datas de 18 de outubro de 1969 até 15 de março de 1974. Deixando o cargo para Ernesto Geisel em 74 até 1979⁶.

Ou seja, o CNPSO foi criado no período de maior poder do Presidente da República frente às garantias constitucionais, podemos partir da hipótese de que para mobilizar um número grande de pessoas, de vontades políticas, era fundamental que estivesse nesse período, pois não se inverte o modelo nacional agrícola em um contexto democrático, ou burocrático, ou de oposição e contestação.

Tal proposição não indica que a fundação do Centro Nacional de Pesquisa de Soja tenha sido em bases não legítimas⁷, mas a exposição desse dado é no intuito de demonstrar a fundamental atuação do governo nessa virada dos modos de produção, da influencia que as políticas governamentais exercem sobre a direção e a tomada de decisão, e também que o tema não é tratado de maneira ingênua e descompromissada.

Para compreender melhor tal posicionamento histórico da instituição a atenção será voltada para a recém-fundada capital Brasileira, Brasília foi o local no qual se concebeu a ideia de uma reformulação no sistema de pesquisa científica agropecuária. O Centro de Pesquisa foi criado anteriormente a sua instalação física, ou seja, não foi em 1975 que se cria a instituição, mas o seu modelo já começa a ser concebido em 1972, com os esforços de J. Irineu Cabral e Otto Lyra Schrader, e também posterior à criação da sede na mesma cidade em 1973, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária no mesmo dia da solenidade inaugural da Usina de Itaipu⁸.

O documento “Sugestões para a Formulação de um Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária” escrito pelos dois é um trabalho que indica esse pressuposto.

⁶ Tal período ainda não foi profundamente analisado, principalmente referente a outras localidades que não a do Norte do Paraná, coloquei essas informações pelo valor que teve esse período na fundação da instituição.

⁷ Se falar que fora em bases não legítimas estamos sendo no mínimo anacrônicos, pois contemporaneamente a esse período o discurso da revolução verde e o poder de transformação que a ciência estava recebendo faziam parte das bases legitimadoras da criação do centro.

⁸ “Vinte e seis de abril de 1973. Era uma manhã de sol no final de verão em Brasília. Por toda parte ainda havia muito verde na cidade. O salão do Brasília Palace Hotel, às margens do Lago Sul, estava lotado com gente em pé pelos corretores. Às dez horas, pontualmente, iniciava-se o ato formal solene de instalação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa. Naquela ocasião, tomou posse a primeira Diretoria Executiva.” (CABRAL, 2005: 25).

Tal objeto consiste em uma análise intensa do modelo de pesquisa agrícola nacional concentrado na instituição D.N.P.E.A⁹. (Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária) que aponta situações de estrangulamento e que deveriam ser reformadas, e outras que poderiam ser aproveitadas para a formulação de um novo modelo de pesquisa nacional.

[...] a decisão política, do Ministro da Agricultura, em criar, oficialmente, um grupo de trabalho, formado por mim e pelo Otto Lyra Schrader, com amplos poderes, para propor uma reforma da pesquisa agropecuária do Ministério da Agricultura, devendo apresentar objetivos, as funções e novas estratégias para investigação agropecuária, a expansão das atividades, programações e políticas de recursos humanos, fontes e formas de financiamento e propostas de legislação adequadas para assegurar a dinamização desses trabalhos. O mandato foi, rigorosamente, cumprido em trinta dias, através do “Sugestões para a formulação de um Sistema Nacional de pesquisa Agropecuária”, o chamado livro preto. Esse segundo momento caracterizou-se, concretamente, pelo trabalho do grupo designado e por outros técnicos e especialistas convidados a colaborar na preparação dos estudos e propostas a serem apresentados. A decisão política do Ministro Cirne Lima de seguir adotando as recomendações do Grupo foi, sem dúvida, decisiva. O presidente da República, Médici, aprovou a proposta recomendada para a criação da Embrapa, homologada pelo Congresso Nacional. Destacaram-se como colaboradores do grupo de trabalhos, Edmundo Gastal, Eduardo Bello, Eliseu Alves, Francisco Arinos Costa e Silva, José Pastore, e Paulo Teixeira Demoro. A coordenação coube a mim e a Dr. Otto Lyra Schrader. (CABRAL, 2005: 59)

Nesse trecho o importante a ressaltar é a movimentação necessária para transformação de uma instituição com problemas em uma capaz de determinar o sucesso das políticas governamentais, consiste esse plano na implementação de 8 diretrizes, esses pontos são fundamentais para compreendermos como atuariam as unidades descentralizadas, o caso do Centro Nacional de Pesquisa de Soja:

1) “A programação da pesquisa seria ajustada aos objetivos e políticas estabelecidas nos Planos Nacionais de Desenvolvimento e nos Planos Básicos de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do País.” [...] (CABRAL, 2005: 27) Criando assim planos diretores para todas as outras filiais, e determinando a ligação entre governo e Empresa.

⁹ Já existiam instituições de pesquisa agropecuária, mas como mostra no mesmo documento, essas organizações sofriam de grandes problemas administrativos e financeiros, a reformulação dessa instituição foi vista não apenas como a mudança de signo, mas sim profunda e eficaz.

2) “É a questão da centralização da administração para que os recursos sejam melhores utilizados, e para que não haja duplicações de ações ou a realização de atividades que não sejam efetivamente prioritárias.” (CABRAL, 2005: 27) Dentro desse aspecto a instituição não se esforçaria em apenas melhorar as plantas ou adaptarem a uma determinada região ecológica, mas seriam criados os chamados “package”, um conjunto de tecnologias que atuariam em todo o processo de produção, desde o manejo do solo até a colheita, ou seja, em toda a cadeia produtiva, agilizando o processo administrativo.

3) Para formulação de uma estratégia de tecnologia agropecuária, a Embrapa adotará uma posição pragmática de acordo com as necessidades do desenvolvimento nacional. Se conveniente, importará tecnologia, realizando as adaptações necessárias em cada caso. De qualquer maneira, haverá um esforço consistente e continuado no sentido de proporcionar os recursos que forem necessários para a criação de tecnologias próprias compatíveis com as exigências e condições internas e de competição no mercado internacional. (CABRAL, 2005: 27)

Nessa terceira, podemos observar a preocupação com o desenvolvimento nacional, pois estava ligada aos planos políticos, assim como a interação dessa instituição de pesquisa como os progressos alcançados por outras.

Essa diretriz foi fundamental, no sucesso de suas tecnologias, o conhecimento produzido pela ciência agrícola Norte americana, no sentido de adaptar os métodos de análise e melhoria para as condições brasileiras, sendo assim podemos partir da hipótese de que a Embrapa segue os padrões Estadunidenses de pesquisa e desenvolvimento agrícola¹⁰.

Nesse próximo trecho podemos ter essa idéia de “adoção de um modelo” bem claro para esse trabalho. Escrito pelo próprio Irineu Cabral: “A Embrapa antecipava àquela altura, uma visão de futuro da organização do setor agrícola e, em certa medida, o conceito de cadeia produtiva do agronegócio, adotado atualmente.” (CABRAL, 2005: 27) Nesse sentido, a Embrapa não estaria antecipando o modelo, afinal se não fosse ela a introduzi-lo não o teríamos como conhecemos atualmente. Ou melhor, ela que

¹⁰ Podemos pesquisar melhor esse modelo, pois devem existir outros no mesmo período, saber o “porque” dessa escolha e fundamental. Afinal estávamos vivendo a guerra fria, o arranjo mundial dos países se caracterizava pelo dualismo; o bom e o ruim, o bem e o mau, o verdadeiro e o falso, o capitalismo e o comunismo, o consumismo ou a sociedade igualitária, que determinaram os modelos adotados pelos países, no caso brasileiro o modelo democrático capitalista baseado na influência Estadunidense.

instituiu o arquétipo do agronegócio e determinou o passo percorrido pela agropecuária brasileira, sendo assim não seria “uma visão de futuro”, mas a determinação desse futuro, a criação e construção humana do mesmo, podemos assim indicar a estranha relação homem/meio ambiente.

À quarta diretriz:

4. Em conformidade com o princípio de melhor aproveitamento dos recursos institucionais disponíveis no país, a Embrapa atuará, invariavelmente, buscando a cooperação e dando apoio aos diferentes organismos que realizam a pesquisa agropecuária. Será sempre uma Empresa aberta e sensível ao esforço cooperativo. Face à grande responsabilidade e à complexidade das tarefas a serem desenvolvidas, a Empresa propõe uma aliança com os organismos do governo federal, com as universidades, com os estados e o setor privado. [...] (CABRAL, 2005: 27)

A Empresa seria um conjunto de elementos interligados, atuaria em diversos níveis de produção do conhecimento, como um centro de construção e transmissão científica, para todas as parcelas da sociedade relacionadas à agropecuária. Concentraria em suas mãos os recursos humanos e financeiros necessários para a coordenação e andamento dos projetos, assim os dinamizando. Nesse sentido, a Embrapa nasce como uma “máquina” de captação de recursos veremos o quanto isso foi fundamental na construção do modelo instituído.

5. Parece indispensável ressaltar a preocupação da Empresa em fazer com que toda a tecnologia disponível e, comprovadamente útil, chegue rápida e em forma acessível ao produtor agrícola. Está previsto um vigoroso esquema de articulação com os Serviços de Extensão Agrícola e Assistência Técnica existentes no país. (CABRAL, 2005: 28)

Nesse item cinco, podemos observar o objetivo das pesquisas, que seus resultados atinjam o produtor e que esse conhecimento seja útil. Essa preocupação é fundamental, pois a Empresa que estava sendo fundada não poderia ser algo fechado e sem importância na transformação social.

Existia a necessidade de que o conhecimento produzido chegasse ao produtor, isso legitima a sua criação, a interferência da instituição na economia agrícola brasileira, e fundamentalmente na transformação e dominação do meio ambiente.

Para esse papel dentro da sociedade era obrigatória essa sexta diretriz:

6. Nenhuma instituição que tenha como fim as complexas responsabilidades técnicas e científicas como as que estão sendo atribuídas à Embrapa, pode

prescindir de uma sólida política de seleção, aperfeiçoamento e estímulos aos seus recursos humanos. Nessas condições, a Empresa, de imediato, adotará um programa de curto e longo prazo no sentido de mobilizar todo o potencial técnico científico disponível no país, que possa ser aproveitado, como um corpo estável, competente e dedicado ao difícil exercício da função de pesquisador. Neste sentido, o sistema nacional de ensino das ciências agrárias, na formação do pesquisador, na função de professores ou no treinamento de pós-graduação, deverá exercer, nesse processo, um papel excepcional. (CABRAL. 2005: 28)

A existência de recursos humanos é o início de qualquer processo de fundação, afinal a Embrapa é uma instituição de pesquisa, ela possui essa legitimidade enquanto corpo burocrático formado por um conjunto de pesquisadores trabalhando em cooperação.

Durante os primeiros anos de existência, o programa de especialização que a Empresa realiza é grandioso, inúmeros profissionais foram mandados para o exterior, por intermédio de parcerias com instituições internacionais, para a especialização e também para trazer para o Brasil o conhecimento produzido internacionalmente. Nesse sentido se reestrutura todo o corpo de cientistas para o objetivo inicial.

Além do corpo necessário para a pesquisa e a construção dos “*packages*”, o setor administrativo é uma das grandes preocupações de Irineu Cabral:

7. A experiência acumulada no país aconselha que a Empresa, nas suas formas de operação, adote uma estrutura em que, basicamente, em nível nacional, concentre as funções de estabelecimento de diretrizes, seleção de prioridades, fixação de normas de programação, controle e avaliação de resultados. Está reservada à Empresa a função essencial de assegurar a descentralização da execução de programas e projetos de pesquisa, através de planos regionais, nos quais participem suas unidades operativas e demais instituições que atuam na área. (CABRAL, 2005: 31)

Ou seja, a Empresa atuaria como órgão centralizado administrativo ligado diretamente ao Ministério da Agricultura e ao Governo, o topo da burocracia, no qual escolheria os projetos principais, e dividiria o andamento desses projetos a nível nacional. O DNPEA não possuía essa característica centralizadora, era federal, mas cada instituição teria a sua autonomia para desenvolver seus próprios projetos. No caso as unidades produziram o projeto, mas o mesmo poderia ser trabalhado em várias outras unidades. Assim acontecendo o que Irineu Cabral chama de descentralização, ou divisão das atividades desenvolvidas nos projetos.

Para melhorar o dinamismo da Empresa existe entre as preocupações a questão de atualização frente ao contexto do conhecimento científico:

8. A Embrapa não descuidará dos modernos mecanismos da informação e documentação científica existentes no país e no exterior. Estará, sempre, atenta à identificação e intercâmbio das inovações científicas e tecnológicas que se produzem entre nossas instituições e nos centros internacionais de pesquisa agropecuária. (CABRAL, 2005: 31)

Essa diretriz é importante, pois nesse sentido o trabalho sempre estará em constante atualização no cenário de pesquisa científica. Pois a troca de experiência e conhecimento é fundamental para o andamento da pesquisa e de novas abordagens para um determinado objeto, ou para novas culturas, sementes e tecnologias.

A troca de experiências e conhecimento são fundamentais para o campo da pesquisa, é por intermédio dela que se constroem, atualmente, as redes de pesquisadores dinamizando e colocando em cheque os seus resultados.

A análise e apresentação dessas diretrizes foram fundamentais para a fundação da Empresa nacional e os Centros de Pesquisa, pois elas determinaram a postura e a atuação das mesmas dentro da sociedade brasileira.

Por fim o trecho a seguir é um importante relato, colocado nessas circunstâncias pelo valor simbólico de suas palavras:

Ambicioso, sem dúvida, será implantar esta empresa e realizar o seu programa. Tudo indica que teremos uma tarefa difícil e penosa pela frente. Nada mais fascinante, entretanto, para esta geração de administradores, de técnicos e cientistas, de líderes do setor privado, dos produtores e trabalhadores, do que esta missão de construir e desenvolver uma Instituição como esta Empresa que apoie a agricultura, a um só tempo, moderna e eficiente e instrumento de justiça e progresso social. Há, por toda parte, um desafio para a nova atitude, mentalidade e ações que enfrentem o crescimento urbano Brasileiro, os defeitos da estrutura agrária, o aumento da produção, a produtividade e o incremento das nossas exportações. A equipe assume a direção desta Empresa, com a colaboração de todos, o apoio e orientação deste jovem Ministro da Agricultura, aceita este desafio. (CABRAL, 2005: 32)

Esse discurso foi baseado no conhecimento construído sobre as condições de pesquisa agropecuária nacional, assim como as diretrizes. Esse trecho é importante, pois contém um conjunto de elementos que foram analisados a partir do DNPEA, o considerando enquanto um órgão atrasado dentro da sociedade que estava se querendo instituir: “uma sociedade moderna e

eficiente e instrumento de justiça e progresso social”. Ou seja, a Embrapa seria o símbolo para esse modelo.

Mas afinal para que demonstrar todos esses planos? Diretrizes? Frases de efeito? Informações? Essa construção intelectual não seria o caso de estarem construindo um mito que ainda opera a instituição?

Acreditamos em você Ministro...

Essas poderiam ser as palavras das pessoas que estariam entrando nesse plano, e que acabaram de escutar o Sr. Cirne e Lima. Pois aliado a esse discurso existiam outros em correlação:

Por outro lado, naquela época, criavam-se os Centros Internacionais de Pesquisa em várias regiões do mundo e era lançada a Revolução Verde por Norman Bourlang, Prêmio Nobel da Paz em 1970. Por outro lado, Teodoro William Schull, economista PhD da Universidade de Chicago que, 1979 recebeu o Prêmio Nobel de Economia, liderava uma firme e consciente posição de que só uma pesquisa eficiente poderia assegurar uma agricultura competitiva e sustentada. (CABRAL, 2005: 39)

Assim, “liderava uma firme e consciente posição de que só uma pesquisa eficiente poderia assegurar uma agricultura competitiva e sustentada.” Esse trecho chama a atenção por duas palavras ditas do próprio sujeito que ajudou a criar o documento que direcionaria a instituição: “Firme e consciente”.

Ambas são importantes para compreender como operava essa empresa, afinal uma coisa curiosa foi criada, um grupo de pessoas, algumas extremamente especializadas, seguindo um forte esquema dirigido e obedecendo a um discurso chamado de “livro preto”.

Entendendo assim o documento “Sugestões para a formulação de um Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária” seria como um mito fundador da instituição, esse trabalho não tem a preocupação de desmistificá-lo, trabalho intenso e complicado, talvez para outra oportunidade, mas sim de buscar como isso serve de base para transformações ambientais ocorridas com a implantação dos Centros de Pesquisa, como esse mito é capaz de operar a vida e a cognição da burocracia criada para maquiná-la, movê-la, movimentá-la.

[...] Uma máquina se define como um sistema de cortes. Não se trata de modo algum do corte considerado como separação da realidade; os cortes operam em dimensões variáveis segundo a característica considerada. Toda máquina está, em primeiro lugar, em relação com um fluxo material contínuo (hylê) que ele corta. Funciona como uma máquina de corta presunto: os cortes operam extrações sobre o fluxo associativo. Cada fluxo associativo deve ser considerado como ideal, fluxo infinito de um imenso pernil de porco. [...] A hylê designa, com efeito, a continuidade pura que uma matéria possui em ideia. [...] Longe de opor à continuidade, o corte a condiciona, implica ou define aquilo que ele corta como continuidade ideal. É que como vimos, toda máquina é máquina de máquina. [...] (DELEUZE, 2010: 54)

Assim esse mito é fluxo contínuo que perpassa os componentes do corpo sem órgãos que se codifica enquanto EMBRAPA, que determina as ações e direções de um conjunto de pessoas que somente funcionam como máquinas que cortam, reproduzem e continuam o fluxo no qual o objetivo é designado pelo mito.

Dessa maneira que foi colocado a análise desse documento em relação com o próprio sujeito do processo, Irineu Cabral, como uma força capaz de criar convicções e também de transformar materialmente o mundo:

Uma convicção é a crença de estar, num ponto qualquer do conhecimento, de posse da verdade absoluta. Essa crença supõe, portanto, que há verdades absolutas; ao mesmo tempo que foram encontrados métodos perfeitos para chegar a isso; finalmente, que todo homem que tem convicções aplica esses métodos perfeitos. (NIETZSCHE, 2006: 296)

Se alguma conclusão pode ser tirada desse artigo é que a crença na ciência não apenas cria convicções, como por exemplo, de que somente com a pesquisa poderia se ter um agronegócio forte capaz de competir com o mercado internacional e ser uma ferramenta de justiça social, ou exerce o jogo de mentira e verdade, mas seu exercício foi capaz fundamentalmente de mudar o ser humano a sua composição biossocial, de nortear também a natureza, de ser uma ferramenta para a modificação do meio, aplicando esses métodos perfeitos, de impor o devir ao território/natureza “Norte do Paraná”¹¹.

Referencias:

ALMEIDA, Jozimar Paes de. **Biodiesel o “Óleo Filosofal”: Desafios para a educação ambiental no caldeirão do “desenvolvimento Sustentável”**/Jozimar Paes de Almeida. – Londrina: Atrito Arte Editorial, 2007. 76p. : il.

¹¹ O início e o fim não importam, mas sim o processo.

ALMEIDA, Jozimar Paes de. A questão ambiental: contribuição a um "caosmo" da história. **Pós-história**, Assis-sp, v. 04, n. , p.175-190, 10 out. 1996. 1996.

CABRAL, Irineu. **Sol da Manhã: memória da Embrapa**/ J. Irineu Cabral. – Brasília: Unesco, 2005.

DELEUZE, Guilles. **O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1**/Guilles Deleuze e Félix Guattari; Tradução de Luiz B. L. Orlandi. – São Paulo: Ed. 34, 2010. 560p. (Coleção TRANS)

EMBRAPA (Brasília, DF). **O modelo institucional da Embrapa evolução histórica, implantação, alguns resultados alcançados**. 42p. 1978.

EMBRAPA. **Projeto de implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Soja**. Brasília, DF, [197-]. 75 p.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Meio Ambiente e ciências humanas**, SP: Annablume, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **A sociedade contra a Natureza**. Pretrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda. 1975. 377p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Ed. Escala, 2006. 303p.

TOMAZI, Nelson D. **“Norte do Paraná” Histórias e Fantasmagorias**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

SUGESTÕES para a formulação de um Sistema Nacional de pesquisa Agropecuária. Brasília: Embrapa informação tecnológico, 2006. 122p. Edição especial do documento original de 1972. (Memória Embrapa)